

A ORDEM DE PALAVRAS NAS CONSTRUÇÕES DE PARTICÍPIO ABSOLUTO*

ANA LÚCIA SANTOS
(IEC - Universidade do Minho)

1. Introdução

Neste artigo, discutirei a análise dos dados relativos à ordem de palavras nas construções de participio absoluto, nomeadamente, a distribuição relativa do participio passado e do DP gerado como argumento interno. Começarei por rever as análises clássicas propostas para estas construções e, de seguida, apresentarei argumentos contra essas análises, nomeadamente, contra a derivação da ordem [V DP] através do movimento do verbo para C. Proporei uma análise que tenta captar o contraste de ordem de palavras observado entre línguas de sujeito nulo e que não permitem sujeito nulo e, finalmente, proporei uma análise para as variações de ordem em português que se situa na linha das análises que definem o português como uma língua de sujeito nulo orientada para o discurso.

2. Distribuição do participio e do DP em construções de participio absoluto e a subida do verbo para C

Nas línguas românicas, é observável um contraste nítido entre línguas de sujeito nulo e línguas que não permitem sujeito nulo, no que diz respeito à ordem de palavras no participio absoluto: as línguas de sujeito nulo preferem a ordem [V DP] (cf. 1 a 8), sendo que uma língua que não permite sujeito nulo, como é o caso do francês, só aceita a ordem [DP V] (cf. 9 e 10). Este tipo de contraste é verificável ainda em línguas germânicas: veja-se a ordem [DP V] em neerlandês e em inglês¹, línguas que não permitem sujeito nulo (cf. 11 e 12).

- (1) Destruída a cidade, os inimigos partiram.
- (2) Chegados os visitantes, as portas abriram-se.

- (3) Rotos los vínculos familiares, los adolescentes se deprimen. [Marín 1996:3]
- (4) Desaparecidas las joyas, llamaron a la policía. [Marín 1996:2]
- (5) Vistos els resultats, haurem de treballar més. [Solé 1989: 58]
- (6) Una vegada sortit el sol, ja ens podrem treure els abrics. [Solé 1989: 58]
- (7) Conosciuta Maria, Gianni ha subito cambiato il suo stile di vita. [Belletti 1992: 21]
- (8) Arrivata Maria, Gianni tirò un sospiro de sollievo. [Belletti 1992: 21]
- (9) Les élèves partis, il était resté seul dans la classe. [Hanon 1989: 152]
- (10) Une fois la ville détruite, les envahisseurs ont fêté la victoire.
- (11) Eenmaal de stad vernietigd, vertrokken de romeinen naar de volgende stad.
uma vez a cidade destruída, partiam os romanos para a próxima cidade
'Uma vez a cidade destruída, os romanos partiram para a próxima cidade'
- (12) Communist Party leader Edward Gierak, his power battered by striking workers and a corruption scandal, was ousted from office today and replaced by Politburo member Stanislaw Kania, a surprise choice. (Ashland (ore.) *Daily Tidings* 9/6/80, 1 *apud* Stump 1985:9)

A maior parte dos autores que tem tratado as construções de participio absoluto não toma este contraste de ordem em consideração. A análise clássica das participiais absolutivas nas línguas de sujeito nulo é uma análise na linha de Belletti (1990), de Hernanz (1991) e de Ambar (1992). Em todas estas análises, o que se assume é que esta ordem de palavras resulta da subida do verbo para C - no caso de Belletti (1990 / 1992), esta análise só é assumida para os verbos ergativos.

Existem, contudo, vários factos empíricos capazes de contrariar a análise clássica. Nomeadamente, e como mostrarei, a análise da ordem [V DP] com base na subida do verbo para C não capta a generalização suscitada pelos dados em (1) a (12), isto é, não é capaz de mostrar que o contraste de ordem de palavras nas participiais nas línguas românicas é relacionável com o parâmetro do sujeito nulo.

Outro facto a ter em conta na avaliação da hipótese da subida do verbo para C no participio absoluto é a inexistência de evidência empírica para a projecção de C no participio absoluto. Hernanz (1991) tenta motivar a existência da projecção dessa categoria funcional, de forma a justificar a sua análise. São dois os argumentos que podem ser identificados ao longo do texto de Hernanz (1991): (i) existem locuções subordinativas em castelhano e noutras línguas que derivam

de formas participiais absolutivas, como *supuesto* (que) ou *dado* (que); (ii) uma conjunção nunca ocorre numa construção de participio absoluto.

Quanto ao primeiro dos argumentos, parece claro que este tipo de locuções não deriva de participios absolutos e isto por uma razão que se prende precisamente com o segundo dos argumentos: não ocorrem conjunções em construções de participio absoluto. Ora acontece que as locuções referidas por Hernanz, além do participio, incluem sempre um complementador (“que”) obrigatório, quer em castelhano (*supuesto que, dado que*), quer em português (*dado que, visto que*), quer em francês (*vu que, étant donné que*).

Quanto ao segundo dos argumentos, parece tratar-se antes de um argumento circular: o facto de uma conjunção nunca ocorrer em construções de participio absoluto pode dever-se tanto ao facto de C estar preenchido com o participio, como ao facto de não existir naquela construção uma projecção funcional (C) que seja capaz de albergar a conjunção. A não ocorrência de conjunções no participio absoluto seria afinal apenas mais uma das várias consequências da defectividade funcional da construção².

De resto, note-se que o diagnóstico mais seguro para a presença de uma projecção de C — a existência de movimento wh- no domínio em questão — mostra que nestas construções tal projecção funcional não está presente:

(13) *Como destruída a cidade, os exércitos partiram?

(14) *Por quem destruída a cidade, a população fugiu para as montanhas?

Veja-se agora o papel de C na análise que Belletti propõe para o italiano. No caso das participiais em italiano, é proposta a subida do verbo para C apenas naquelas cujo núcleo é um verbo ergativo; só neste tipo de construções se levanta o problema da verificação (no texto de Belletti, atribuição) de Caso, visto que as participiais com verbos transitivos em italiano são estruturas activas que permitem a atribuição de Caso acusativo ao DP gerado como argumento interno³. Aplicada ao participio absoluto nas restantes línguas românicas, esta análise faria esperar que o verbo subisse para C, de forma a criar uma configuração capaz de atribuir / verificar Caso nominativo — nestas línguas, quer as participiais ergativas quer as participiais transitivas não disponibilizam Caso acusativo (as participiais transitivas, nestes casos, devem ser analisadas como estruturas passivas), sendo marginalmente possível a ocorrência de pronomes marcados como nominativo nesse tipo de estrutura, pelo menos em português e em castelhano (cf. nota 3).

Contudo, uma análise deste tipo, além de supor a existência de um nó C no participio absoluto, facto que carece de prova empírica, não explica por que razão em francês as participiais ergativas e transitivas (e estas últimas são participiais passivas) não apresentam a ordem [V DP]. Isto é, e como foi já dito, esta análise não capta a generalização apresentada acima: o contraste de ordem de palavras nas participiais absolutivas nas línguas românicas é relacionável com o parâmetro do sujeito nulo. Encontrando-se uma justificação para os contrastes de

ordem de palavras independente de questões de Caso, explicar-se-á também por que razão em estruturas transitivas activas e em estruturas passivas, estruturas em que não se colocam as mesmas questões de verificação de Caso, se pode encontrar a ordem [V DP].

Finalmente, a análise que Belletti (1990) apresenta para as participiais ergativas em italiano (aquelas para as quais propõe movimento do verbo para C) assenta ainda na subida do DP para [Spec, Agr], isto é, supõe que o DP não permanece *in situ* neste tipo de participiais. Como evidência de que o DP gerado como objecto de um verbo ergativo não ocupa a sua posição básica numa participial absoluta, Belletti (1990) apresenta dados que ilustram a distribuição de *ne* em italiano. Mais concretamente, afirma que a extracção de *ne* não é possível em participios absolutos com verbos ergativos em italiano, o que mostrará que o DP a partir do qual o clítico foi extraído não se encontra na posição de objecto, em que foi basicamente gerado. A possibilidade de ocorrência de *ne* em participios absolutos com verbos transitivos reforçaria a ideia de que, nestas estruturas, o DP se encontra na sua posição básica, o que é esperado, visto que estas estruturas apresentam características de estruturas activas, disponibilizando Caso acusativo.

Contudo, vários falantes mostram aceitar a extracção de *ne* em participiais ergativas (cf. 15 e 16 abaixo). O contraste entre (16) e (17), sendo este último o exemplo apresentado por Belletti, parece ser devido à presença de *appena*⁴:

- (15) Cadutene tre (di foglie), decidemmo che era già autunno. [Barbosa, p.c.]
 (16) Partitene tre, la riunione fu rinviata.
 (17) ?/*Appena partitene tre, la riunione fu rinviata. [Belletti 1990:101].

Por outro lado, Belletti (1990) faz notar a existência de um "Definiteness Effect" quando o DP gerado como objecto de um verbo ergativo ocupa a posição em que é basicamente gerado (esse efeito estaria directamente relacionado com a disponibilização de Caso partitivo): a não ocorrência do mesmo efeito em construções de participio absoluto seria um argumento a favor de uma análise que pressupõe que o DP não permanece na sua posição básica.

Este argumento seria válido se, de facto, fosse sistemática a ocorrência de um "Efeito de Definitude" ("Definiteness Effect") em frases plenas construídas com verbos ergativos. Mais uma vez, os dados vêm contrariar a argumentação: (18) e (19) abaixo mostram que é possível a ocorrência de DP definidos ocupando uma posição pós-verbal em frases com verbos ergativos. (19) é um exemplo de Belletti que falantes do italiano consideram gramatical. Factos do mesmo tipo são apresentados em Brito (1998).

- (18) È arrivato Gianni.

(19) /o.k./ *Sono arrivati tutti gli studenti a lezione. [Belletti (1990: 101)]

Um outro tipo de argumento que vem contrariar as análises que propõem a derivação da ordem [V DP] através de movimento do verbo e, eventualmente, também do DP é aquele que é aduzido por Barbosa (1997) e que diz respeito à distribuição de advérbios de VP. Estes dados permitem, até certo ponto, defender a análise da ordem [V DP] no participípio absoluto como a ordem básica:

(20) Completamente resolvido o problema, o João partiu para Paris.

(21) Uma vez completamente resolvido o problema, o João partiu para Paris.

(22) ? Completamente arreglado el coche, pudimos seguir el viaje.

(23) Una vez completamente arreglado el coche, pudimos seguir el viaje.

(24) *Complètement la ville détruite, les envahisseurs sont partis.

(25) * Une fois complètement la ville détruite, les envahisseurs sont partis.

(26) /o.k./ *Completamente risolto il problema,... [Belletti (1993: 112)]

(27) Una volta completamente risolto il problema, Gianni tirò un sospiro di sollievo.

De facto, os dados apresentados mostram que, se assumirmos que um advérbio de VP ocupa um lugar de adjunção à esquerda a VP (cf. Costa 1997a, 1997b, 1998), é possível defender que, nas línguas de sujeito nulo, que preferem a ordem [V DP], o DP ocupa a sua posição básica, uma posição interna ao VP (López 1994 aponta claramente nesse sentido ao tratar participiais absolutivas em castelhano)⁵. Em francês, língua que não permite sujeito nulo, a ordem [DP V] resulta claramente da saída do DP para o exterior do VP. Finalmente, os dados do italiano mostram que estruturas activas de participípio absoluto padronizam, em termos de ordem de palavras, com o comportamento das estruturas passivas: o italiano, sendo uma língua de sujeito nulo, mantém a ordem [V DP], apresentando os mesmos padrões de distribuição de advérbios de VP que as restantes línguas de sujeito nulo.

Mas regresse-se ainda aos dados relativos à distribuição de advérbios de VP no participípio absoluto. Esses dados permitem mostrar que uma análise como a de Ambar (1992), que tenta uniformizar o tratamento de gerundivas (cf. 28), subordinadas sem complementador e com verbo no conjuntivo (cf. 29), infinitivas não introduzidas por complementador (cf. 30), outras orações interpretadas como subordinadas e não introduzidas por complementador (cf. 31); não é desejável porque, crucialmente, a distribuição de advérbios de VP nesse tipo de construções é diferente da distribuição de advérbios nas construções de participípio absoluto (cf. 32). Mesmo que se defendesse que o advérbio *completamente* não é um bom indicador da fronteira do VP, o contraste entre o paradigma abaixo e o paradigma constituído pela distribuição do mesmo advérbio nas construções de participípio absoluto mostraria que a posição do verbo não é a mesma nos dois paradigmas. A impossibilidade de o advérbio preceder o

verbo em (28'), (29'), (30') e (31') difere da distribuição do advérbio no participípio absoluto - isto é, ainda que o verbo saia de VP no participípio absoluto, não sobe tão alto nesta construção como nas construções em (28) a (31).

- (28) *Conhecendo eu a cidade*, sei que não será possível modificar demasiado o trânsito.
- (28') **Completamente conhecendo eu a cidade*, sei que não será possível modificar demasiado o trânsito.
- (29) Espero *tenhas tu destruído as provas*.
- (29') *Espero *completamente tenhas tu destruído as provas*.
- (30) Os meninos decidiram *desmontarem eles as bicicletas*.
- (30') *Os meninos decidiram *completamente desmontarem eles as bicicletas*.
- (31) *Destruísse eu as provas*, não teria sido apanhado.
- (31') **Completamente destruisse eu as provas*, não teria sido apanhado.
- (32) *(Uma vez) resolvido o problema*, o João partiu para Paris.
- (32') *(Uma vez) completamente resolvido o problema*, o João partiu para Paris.

Assim, a análise que parece ser preferível será uma análise que, por um lado, tome as participiais absolutivas como construções que se distinguem, em termos sintácticos, de outras construções em que a ordem de palavras preferencial ou obrigatória é [V DP]. Neste ponto, a argumentação aqui desenvolvida distancia-se da que é apresentada em Barbosa (1997): não penso ser possível utilizar argumentos que dizem respeito ao comportamento de gerundivas, infinitivas e outras construções em que ocorre a ordem [V DP] como argumentos de defesa de uma proposta de análise de participiais absolutivas.

Assim, verificou-se que:

- (i) o contraste de ordem de palavras no participípio absoluto coincide com a distribuição das línguas quanto ao parâmetro do sujeito nulo;
- (ii) a derivação da ordem [V DP] deve ser independente de questões de verificação de Caso;
- (iii) nada indica que, nas línguas em que a ordem é [V DP], o verbo tenha subido mais alto do que nas línguas em que a ordem é [DP V];
- (iv) nos casos em que a ordem é [V DP], o DP parece ocupar a sua posição básica;
- (v) a análise da ordem de palavras no participípio absoluto não pode ser generalizada à análise de outras construções em que a ordem de palavras é [V DP].

3. Derivação da ordem de palavras no participípio absoluto nas línguas românicas pro-drop e não pro-drop

Os factos observados na última secção levam a concluir que o contraste entre línguas pro-drop e não pro-drop, no que diz respeito ao participípio absoluto, resulta da subida do DP. Essa subida do DP nas línguas não pro-drop será motivada pela necessidade de satisfazer um traço relacionado com o parâmetro do sujeito nulo. Digamos então que se trata de um traço D-forte numa projecção funcional que domina o VP. Ao recorrer a um traço D-forte para formular uma análise do participípio absoluto, estou a recorrer a uma noção antiga na teoria, formulando-a, como em Chomsky (1986a: 4), como o princípio que exige um especificador em IP e que, num modelo de verificação de traços, como o do Programa Minimalista, tem, como contrapartida, a existência de traços D-fortes numa dada projecção e que precisam de ser eliminados antes de Spell-Out (cf. Chomsky 1995a: 428). A questão a levantar então será: qual o lugar que é interpretado como a posição de sujeito (a posição em que o traço D-forte seria satisfeito) em estruturas de participípio absoluto, assumindo (e há razões para o fazer - cf. nota 2) que se trata de uma construção defectiva, em que AgrS, T e Neg não projectam?

Para responder a esta questão, vou assumir que os participípios absolutos são projecções de um nó Asp, assumpção esta partilhada por vários autores, tais como De Miguel (1990), Hernanz (1991), López (1994), Belletti (1993) — no que se distingue de Belletti (1990) e (1992) — e Alexandrova (1996). O nó Asp tem ainda sido proposto como nó projectado noutro tipo de construções: Duarte (1993) assume a projecção de Asp em infinitivas gerundivas; Gonçalves (1996) propõe a presença de um nó Asp marcado como [progressivo] em construções do PE com verbos aspectuais como *estar (a)*; Schoorlemmer (1995) propõe a presença de um nó Asp perfectivo na passiva em russo, língua em que a morfologia verbal disponibiliza morfemas aspectuais e em que existem restrições de perfectividade afectando a passiva.

Ao assumir a projecção de Asp, assumirei também que essa posição é o alvo do movimento do DP gerado como argumento interno nas línguas não *pro-drop*. Assim, o que justificaria a subida do DP nas línguas que não permitem sujeito nulo seria a presença de um traço D-forte em Asp que exigiria o movimento do DP para especificador dessa posição, de forma a apagar esse traço por concordância especificador-núcleo. Nas línguas de sujeito nulo, o DP permaneceria *in situ*, precisamente dada a ausência de um traço D-forte na mesma projecção funcional. O motivo do contraste de ordem de palavras no participípio absoluto entre línguas pro-drop e não pro-drop resumir-se-ia então ao parâmetro do sujeito nulo, ao resumir-se à existência vs. ausência de um traço D-forte em Asp.

4. O português vs. outras línguas de sujeito nulo

Contudo, o conjunto das línguas de sujeito nulo também não é homogêneo no que diz respeito às possibilidades de ordem de palavras. Vejam-se os dados abaixo que mostram que, enquanto a ordem [DP V] é possível em português (facto notado e discutido em Ambar 1992), ela é muito marginal em castelhano e impossível em italiano e em catalão.

- (33) Uma vez construída a casa, o João mudou-se.
 (33') Uma vez a casa construída, o João mudou-se.
 (34) Una vez rotos los vínculos familiares, los adolescentes se deprimen.
 (34') ?? Una vez los vínculos familiares rotos, los adolescentes se deprimen.
 (35) Una volta risolto il problema, Gianni tirò un sospiro di sollievo.
 (35') *Una volta il problema risolto, Gianni tirò un sospiro di sollievo.
 (36) Una vegada pagat el compte, el Pere es quedà mes descansat.
 (36') *Una vegada el compte pagat, el Pere es quedà mes descansat.

Trabalhos como Duarte (1997), Raposo (1997) e Costa (1998) têm apontado para o tratamento do português como uma língua orientada para o discurso. Na análise destes dados do participio absoluto em português, explorarei esta ideia, adoptando as noções de tópico e foco de Reinhart (1995).

De facto, uma análise mais atenta destes dados pode mostrar que a alternância entre a ordem [V DP] e [DP V] em português codifica informação discursiva. (37) e (38) abaixo mostram que, apesar da dificuldade em perceber contrastes desta natureza neste tipo de orações, a ordem [DP V] em português, sendo possível, é mais facilmente aceitável quando o contexto obriga a interpretar o DP como dado e não como foco.

- (37) O Alfredo pediu um empréstimo para construir três casas, mas
 uma vez construídas duas casas, já não tinha dinheiro.
 uma vez duas casas construídas, já não tinha dinheiro.
 (38) O Alfredo pediu um empréstimo, mas
 uma vez construídas duas casas, ficou sem dinheiro.
 *uma vez duas casas construídas, ficou sem dinheiro.

Os dados em (39) a (42) mostram precisamente o mesmo: em (39), o DP é interpretado como dado e ocorre à esquerda do participio; em (41), o DP é interpretado como foco e ocorre à direita do participio.

- (39) Uma vez dois capítulos reescritos e não apenas revistos, foi possível continuar o trabalho.
 (40) *Uma vez reescritos dois capítulos e não apenas revistos, foi possível continuar o trabalho.

- (41) Uma vez reescritos dois capítulos e não todo o livro, foi possível continuar o trabalho.
- (42) *Uma vez dois capítulos reescritos e não todo o livro, foi possível continuar o trabalho.

A variação de ordem de palavras em português não é, portanto, opcional: quando a ordem é [DP V], o DP é interpretado como dado; quando a ordem é [V DP], o DP é o constituinte focalizado. Estes factos confirmam o que Costa (1998) afirma para o português: objectos focalizados permanecem nas posições em que são basicamente gerados.

Estabelecido isto, será preciso agora verificar qual a posição ocupada pelo DP em português, quando este se move por razões discursivas, dando origem a uma configuração [DP V]. A análise que Costa (1998) apresenta para objectos “defocused” é a de *scrambling* do objecto. Contudo, em estruturas passivas como são as participiais absolutivas em português, não é de esperar que este DP gerado como objecto se comporte como um DP gerado como objecto numa estrutura activa. Costa (1998: 160-1) mostra que, em português, um objecto movido por *scrambling* não alimenta ligação. De facto, (43) abaixo mostra que, ao permitir ligação quando movido, o DP objecto prova ter sido movido por um movimento-A, comportando-se como o DP objecto de uma passiva plena.

- (43) Uma vez o João_i visto pelo seu_j médico, todos ficaram descansados.

Assim, parece que, em participiais absolutivas em português, quando o DP gerado como objecto ocorre à esquerda do participio, ele está numa posição-A e codifica uma interpretação como elemento que não é foco informacional. Por outro lado, é possível supor que esse DP se encontra na posição que, no participio absoluto, é interpretada como a posição do sujeito. Proponho que, em português, no participio absoluto, a subida do DP para [Spec, Asp] codifique a interpretação desse DP como tópico. Isto levar-me-á a propor, na linha de Duarte (1997), que o traço relevante presente em Asp no português não é um traço D-*forte* como o que distingue as línguas não pro-drop das línguas pro-drop, mas um traço de codificação de informação discursiva. Asp conterá um traço forte nos casos em que o DP acaba por ser interpretado como tópico e ocorre em [Spec, Asp], conterá um traço fraco quando o DP é interpretado *in situ*, como foco.

5. A verificação de Caso no participio absoluto

Tendo mostrado que, nas línguas românicas de sujeito nulo, o DP permanece *in situ* (pode permanecer *in situ*, no caso do português), é preciso agora explicar de que forma esse DP pode aceder à verificação de Caso. Esse é um problema levantado pelos dados do português, do castelhano e do catalão, línguas em que o participio (sendo passivo) não projecta uma estrutura capaz de verificar

Caso acusativo. Para explicar os dados destas línguas, é preciso explicar de que forma, no participípio absoluto, é disponibilizado Caso nominativo.

A hipótese que classicamente tem sido defendida para justificar o acesso a Caso nominativo ao DP *in situ* (nomeadamente, DP gerados como argumentos internos de verbos ergativos) é a da formação de uma cadeia em forma lógica entre um expletivo (nomeadamente, e nas línguas de sujeito nulo, um *pro* expletivo) e o DP *in situ*. Essa é a hipótese defendida em Chomsky (1986) e reformulada em Chomsky (1995) e encontra justificação na existência de estruturas em que o DP permanece *in situ* e o traço EPP é satisfeito pela presença de um expletivo:

- (44) *Il est arrivé trois hommes.*
- (45) *There arrived three men.*
- (46) *proexpl* chegaram três homens.

Se esta hipótese estivesse disponível no participípio absoluto, seria de esperar que se encontrassem também, nestas construções, cadeias de expletivos e DP *in situ*. No entanto, esta predição é contrariada pelos factos: não existem cadeias desse tipo no participípio absoluto⁶.

- (47)*(*Une fois) *il détruite la ville, les envahisseurs sont partis.*
- (48)*(*Once) *there /it opened the door, we all came in.*

A hipótese de formação de uma cadeia para disponibilizar Caso nominativo ao DP gerado no participípio absoluto não está, portanto, disponível.

Brito (1998) nota que Chomsky (1995), ao defender que, no caso de expletivos como *il*, em francês, e *it*, em inglês, os traços do DP não se associam ao expletivo em Forma Lógica, acaba por não explicar de que forma o DP acede a Caso quando associado a um expletivo deste tipo. Brito propõe que, nesses casos, Caso é atribuído por defeito - seria o caso de (44) acima. Esta proposta em nada afecta o argumento que apresento para o participípio absoluto: antes pode mostrar, através da agramaticalidade de (47), que (ao contrário do que é proposto por Eliseu 1988), Caso por defeito também não está disponível no participípio absoluto.

Proponho como alternativa que [Spec, Asp] seja o lugar de verificação de Caso nominativo no participípio absoluto, em português, castelhano e francês, já que Asp é a única projecção do domínio oracional presente no participípio absoluto (AgrS e T não projectam). Proponho ainda que, quando a ordem é [V DP], Caso seja verificado por migração de traços do DP para Asp.

A defesa desta proposta levanta, contudo, uma última questão, se confrontada com a proposta de análise que apresentei para as variações de ordem em português: se Caso pode ser satisfeito por migração de traços (Mover-F), por que razão um traço de codificação discursiva (como o que defendi estar presente em Asp, em português) não pode ser satisfeito da mesma forma?

Raposo (1997) estabelece uma distinção entre Mover- α e Mover-F, identificando Mover- α com o movimento desencadeado por operações de licenciamento temático e Mover-F com o movimento desencadeado por operações de licenciamento morfológico. Com isto, pretende redefinir o EPP como um traço relacionado com as propriedades temáticas das expressões linguísticas. Esta análise apresenta, contudo, um problema: não há evidência de que o traço D-forte (EPP) em línguas que não permitem sujeito nulo, como o francês ou o inglês, codifique propriedades de licenciamento temático, nomeadamente, não há evidência para dizer que, nessas línguas, um DP que se mova para verificar um traço EPP seja interpretado como tema / tópico não marcado. Do mesmo modo, parece difícil conceber que, por exemplo em casos como (44) e (45) acima, um expletivo inserido por "Merge" de forma a satisfazer o EPP esteja na verdade a codificar informação temática: não é possível interpretar como tópico / tema uma expressão sem qualquer conteúdo informacional.

Defenderei, portanto, uma hipótese diferente: em francês, língua não pro-drop, o traço que motiva o movimento é um traço EPP forte tal como definido em Chomsky (1995), traço este que é satisfeito por Mover-F acompanhado de *pied-piping*, isto é, Mover- α ; em português, o traço que pode motivar o movimento do DP para [Spec, Asp] é diferente desse traço EPP (sendo o português uma língua de sujeito nulo, este é fraco), tratando-se antes de um traço que codifica a interpretação do DP do ponto de vista discursivo. Mantenho, contudo, a ideia, defendida por Raposo (1997: 804), de que a proeminência de um tema "tem de ser visível a 'olho nu'", isto é, o movimento destinado a criar uma determinada configuração discursiva tem de ser visível. Assim, e embora Mover- α não deva ser restringido a movimento relacionado com a estrutura discursiva / informacional, defendo que a satisfação de um traço com consequências para a interpretação discursiva tem de ocorrer antes de Spell-Out (isto é, tem de ser satisfeito por Mover- α).

Notas

Esta comunicação é o resultado de parte do trabalho de preparação de uma dissertação de Mestrado orientada pela Prof^a Dr^a Inês Duarte.

1 Uma frase como (1) abaixo poderia ser considerada um contra-exemplo. Contudo, parece tratar-se antes de uma expressão fixa. Além disso, note-se que este participio absoluto é dado por Stump (1985:14) como de valor marcadamente concessivo.

(1) *Granted the very best intentions*, his conduct was productive of great mischief.
[Curme 1931:157 *apud* Stump 1985: 14]

2 Vários argumentos concorrem para a análise do participio absoluto como construção defectiva, tendo sido essa, aliás, a posição geralmente defendida na literatura. Nomeadamente, assume-se que estas construções não projectam T e Neg (daí a

impossibilidade de ocorrência de um auxiliar ou de negação frásica nestas participiais). A defectividade funcional tem sido assumida em vários trabalhos sobre participiais absolutivas, nomeadamente por López (1994) ou, de forma menos completa, por Belletti (1990), De Miguel (1990), Hernanz (1991) e Alexandrova (1996). Aqui defendo que também não projectam C.

3 Vários factos justificam que se considere que, ao contrário do que acontece com o participio absoluto nas restantes línguas românicas, o participio absoluto com verbos transitivos em italiano não é uma estrutura de tipo passivo mas de tipo activo - esta análise é assumida por Belletti (1992) e por Alexandrova (1996). Os dados que permitem estabelecer este tipo de distinção tipológica são os seguintes:

- (i) *possibilitàde vs. impossibilitàde de co-ocorrência de by-phrase e de um DP argumental em construções de participio absoluto:*

Em italiano, ao contrário do que acontece com as restantes línguas românicas, um *by-phrase* não pode co-ocorrer com um DP argumental realizado.

- (1) *Salutata Maria da Gianni, tutti uscirono dalla sala. [Belletti 1992: 37]
- (2) Destruída a cidade pelo exército americano, a imprensa invadiu o local.
- (3) Descubierta la vacuna por una investigadora, la comercializaron.
- (4) Une fois la ville détruite par les envahisseurs, le peuple est parti.

(ii) *Condições de verificação de Caso acusativo:*

Os dados mostram que, em italiano, a estrutura projectada por um participio numa construção de participio absoluto contém uma categoria funcional capaz de verificar Caso acusativo (cf. 5 e 6).

- (5) *Conosciuta me*, hai cominciato ad apprezzare il mare. [Belletti (1992:32)]
- (6) **Conosciuta io*, ... [Belletti (1992:32)]

Este facto contrasta com os dados do português (cf. 7 e 8), do francês (cf. 9 e 10) e do castelhano (cf. 11 e 12), que mostram que, nestas línguas, não é possível a legitimação de pronomes com Caso acusativo em estruturas de participio absoluto, sendo marginalmente possível a legitimação de pronomes marcados com Caso nominativo, em português e em castelhano. Além disso, o castelhano oferece outra evidência que permite provar que o Caso acusativo não está disponível no participio absoluto: é impossível que numa construção de PA em castelhano ocorra um DP objecto [+ humano] introduzido por *a*, a marca de Caso acusativo para objectos directos [+ humano], facto que é notado por Gunnarson (1994) (cf. 13).

- (7) *Fuzilado-o, nenhum outro quis ser chefe.
- (8) ?Fuzilado *ele*, nenhum outro quis ser chefe.
- (9) *(Une fois) la détruite, les envahisseurs sont partis.
- (10) *(Une fois) elle détruite, les envahisseurs sont partis.
- (11) Desautorizado yo, la reunión se acabó. [Marín 1996: 4]
- (12) * Desautorizado mí, la reunión se acabó. [Marín 1996: 4]
- (13) Una vez salvada su mujer / *a su mujer, ... [Gunnarson 1994: 144]

(iii) *Concordância do participio com o DP gerado como objecto:*

É normalmente assumido na literatura que, em construções de participio absoluto, o participio concorda em género e em número com o DP gerado como objecto - os dados do português, do castelhano e do francês confirmam esta assumpção. Em italiano, contudo, não é clara a obrigatoriedade de concordância entre o participio e o DP, ao contrário do que afirma Belletti (1990). Construções com verbos transitivos como em (14) e (15) mostram que a concordância com o DP gerado em posição de objecto não é obrigatória, podendo o participio manter a forma invariável. O contraste em (16) e (17) mostra que, aparentemente, em participios absolutos com verbos ergativos, se mantém a obrigatoriedade de concordância entre o participio e o DP gerado como objecto.

(14) PRO_i conosciuta Maria, Gianni_i / Silvana_i...

(15) PRO_i conosciuto Maria, Gianni_i / Silvana_i...

(16) Arrivata Maria,...

(17) *Arrivato Maria,...

4 O juízo de gramaticalidade apresentado entre barras (/ /) é o de falantes que não concordam com os juízos de gramaticalidade propostos pelos autores citados. Esta notação será seguida ao longo do texto.

5 Tomo estes dados como evidência apenas para a permanência do DP no interior de VP, não sugerindo que o verbo também permaneça *in situ*. Na verdade, outros dados relativos à distribuição de advérbios no participio absoluto mostram que o verbo sai do domínio do VP:

(1) Resolvido completamente o problema, o João partiu para Paris.

(2) Uma vez resolvido completamente o problema, o João partiu para Paris.

(3) Arreglado completamente el coche, pudimos seguir el viaje.

(4) Una vez arreglado completamente el coche, pudimos seguir el viaje.

(5) Resolt completament el problema, en Joan partí cap a Paris.

(6) Una vegada resolt completament el problema, en Joan partí cap a París.

(7) Risolto completamente il problema,... [Belletti (1993: 112)]

(8) Una volta risolto completamente il problema, Gianni tirò un sospiro di sollievo.

O comentário deste tipo de dados e a extração das suas consequências para a análise do participio absoluto encontra-se em Santos (em preparação).

6 . Agradeço ao João Costa ter-me feito notar este facto.

Referências:

- Galia ALEXandrova (1996). Participial clauses in Bulgarian, Italian and Spanish: argument structure, agreement and Case. In Karen Zagona (ed.) (1996) *Grammatical Theory and Romance Languages*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Mª M. AMBAR (1992). *Para uma sintaxe da inversão sujeito - verbo em Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- _____ (1997). Infinitives vs. participles. Ms.

- Pilar BARBOSA (1997). Sujeitos nulos, o PPA e a subida generalizada do verbo. Comunicação apresentada no *XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Adriana BELLETTI (1990). *Generalized Verb Movement. Aspects of Verb Syntax*. Torino: Rosenberg & Sellier.
- _____ (1992). "Agreement and Case in Past Participle Clauses in Italian". In T. Stowell e E. Wehrli (eds.) (1992). *Syntax and Semantics, 26. Syntax and the Lexicon*. Nova Iorque: Academic Press.
- _____ (1993). "Case Checking and Clitic Placement. Three issues on (Italian//Romance) Clitics. In Michal Starke (ed.) (1993). *GenGenP - Geneva Generative Papers*. Volume 1. Number 2. Geneva: Université de Genève.
- Ana Maria BRITO (1998). *Attribution de cas nominatif et ordre des mots dans les constructions impersonnelles en portugais dans une perspective de Syntaxe comparée*. Ms.
- João COSTA (1997a). Adverbs and the interaction of levels of grammar. In Matos et al. (eds.) (1997) *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística / Edições Colibri.
- _____ (1997b). On the behavior of adverbs in sentence-final context. *The Linguistic Review*, 14, 43-68.
- _____ (1998). *Word Order Variation. A Constraint-based Approach*. Dissertação de Doutoramento a ser apresentada à Universidade de Leiden.
- Noam CHOMSKY (1986). *Knowledge of Language - Its Nature, Origin and Use*. New York / Westport, Connecticut / London: Praeger Special Studies.
- _____ (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge / London: The MIT Press.
- Inês DUARTE (1993). Complementos infinitivos preposicionados e outras construções temporalmente defectivas em português europeu. *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- _____ (1996). A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa. In Duarte & Leiria (eds.) (1996: 327-60). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa: Edições Colibri / APL.
- _____ (1997). Ordem de palavras e estrutura discursiva. In A. M. Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo (eds.) (1997). *Sentido que a vida faz - Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- André ELISEU (1988). *Sobre a estrutura das frases reduzidas absolutas participiais*. Ms.
- Anabela GONÇALVES (1996). Aspectos da Sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português Europeu. In Gonçalves, Colaço, Miguel & Mória (1996). *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Suzanne HANON (1989). *Les constructions absolues en français moderne*. Louvain / Paris: Éditions Peeters.

A ORDEM DE PALAVRAS NAS CONSTRUÇÕES DE PARTICÍPIO ABSOLUTO

- M^a Lluïsa HERNANZ (1991). Spanish Absolute Constructions and Aspect. In *Catalan Working Papers in Linguistics (CWPL)*. Universitat Autònoma de Barcelona.
- Luis LÓPEZ (1994). The Internal Structure of Absolute Small Clauses. *Catalan Working Papers in Linguistics*, 4.1: 45-92. Universitat Autònoma de Barcelona.
- Rafael MARÍN (1996). *Aspectual properties of spanish absolute small clauses*. Ms.
- Elena Aparicio de MIGUEL (1992). *El Aspecto en la sintaxis del español: Perfectividad e impersonalidad*. Conteblanco, Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.
- Eduardo Paiva RAPOSO (1997). Deslocamento e mover α : uma solução para o problema EPP. In A. M. Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo (eds.) (1997). *Sentido que a vida faz - Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- Tanya REINHART (1995). *Interface Strategies*. OTS Working Papers. Utrecht: Utrecht University.
- Ana Lúcia SANTOS. *O particípio absoluto em português e nas restantes línguas românicas*. Dissertação de Mestrado em Linguística Teórica a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (em preparação).
- Maaïke SCHOORLEMMER (1995). *Participial Passive and Aspect in Russian*. Utrecht: OTS.
- Lluïsa Gràcia I SOLÉ (1989). *Els Verbs Ergatius en Català*. Menorca: Institut Menorquí d' Estudis.
- Gregory T. STUMP (1985). *The Semantic Variability of Absolute Constructions*. Dordrecht/Boston/Lancaster: D. Reidel Publishing Company.